

**PROJETO PRÁTICAS DIALÓGICAS PARA O ENSINO DA FILOSOFIA: o resgate do diálogo filosófico no âmbito do PIBID em filosofia da UFMA**

**PROJECT DIALOGIC PRACTICES FOR THE TEACHING OF PHILOSOPHY: the rescue of philosophical dialogue in the scope of UFMA's philosophy PIBID**

**PROYECTO PRÁCTICAS DIALÓGICAS PARA LA ENSEÑANZA DE FILOSOFÍA: el rescate de diálogo filosófico en ambito del PIBID en filosofía de UFMA**

*Alexandre Jordão Baptista<sup>1</sup>*

*Almir Ferreira da Silva Junior<sup>2</sup>*

*Maria Oílilia Serra<sup>3</sup>*

### **Resumo**

Apoiado na hipótese de que uma pedagogia interativa, fundada na interação verbal entre os alunos, poderia facilitar a aprendizagem do filosofar, o projeto “Práticas Dialógicas para o Ensino da Filosofia”, desenvolvido no âmbito do PIBID em Filosofia da UFMA, propõe-se investigar e analisar as condições de possibilidade de uma verdadeira confrontação filosófica pelo diálogo, com o objetivo de desenvolver um referencial didático-metodológico para a aplicação de práticas dialógicas no processo de ensino-aprendizagem da filosofia no Ensino Médio. A nossa avaliação da realização desse projeto é que o mesmo alcançou, com boa dose de êxito, os objetivos definidos na sua proposta, tanto os gerais quanto os específicos. Destacamos especialmente o desenvolvimento de uma ferramenta didático-metodológica para o ensino de filosofia, nível médio, envolvendo o diálogo argumentativo, os “seminários socráticos”, amplamente aplicável na prática escolar mesmo diante dos problemas tão conhecidos presentes na educação brasileira, em particular, a falta de recursos e o número excessivo de alunos em uma mesma sala de aula. Nesse sentido, pôde-se comprovar que a aplicação dos “seminários socráticos” pode contribuir decisivamente no processo ensino-aprendizagem da Filosofia, na medida em que a sua prática maximiza a participação dos alunos, ao criar uma comunidade de investigação, oferece ocasiões para leituras críticas de textos, desenvolve o pensamento crítico, a resolução de problemas e as habilidades de fala e escuta, e, principalmente, ensina o respeito por diferentes ideias, pessoas e práticas.

**Palavras-chave:** PIBID. Práticas dialógicas. Ensino. Aprendizagem. Filosofia.

---

<sup>1</sup>Professor Doutor, Departamento de Filosofia da UFMA, email: [philokalos@gmail.com](mailto:philokalos@gmail.com), endereço para correspondência: Av. dos Portugueses, 1966, CCH, Bacanga - CEP 65080-805, São Luís – MA.

<sup>2</sup>Professor Doutor, Departamento de Filosofia da UFMA, email: [alferjun@uol.com.br](mailto:alferjun@uol.com.br), endereço para correspondência: Av. dos Portugueses, 1966, CCH, Bacanga - CEP 65080-805, São Luís – MA.

<sup>3</sup>Professora Doutora, Departamento de Filosofia da UFMA, email: [oliliaserra@gmail.com](mailto:oliliaserra@gmail.com), endereço para correspondência: Av. dos Portugueses, 1966, CCH, Bacanga - CEP 65080-805, São Luís – MA.

## Abstract

Supported on the hypothesis that an interactive pedagogy, founded on verbal interaction among students, could facilitate the learning of philosophizing, the project "Dialogic practices for the Teaching of Philosophy", developed in the scope of UFMA's Philosophy PIBID, it is proposed to investigate and analyze the conditions of the possibility of a true philosophical confrontation by dialogue, in order to develop an educational and methodological referential for the application of dialogic practices in the process of teaching and learning philosophy in high school. Our assessment of the realization of this project is that it has achieved, with good deal of success, both general and specific objectives that were defined in its proposal. It is especially highlighted the development of a didactic-methodological tool for the philosophy teaching, mid-level, involving the argumentative dialogue, the "Socratic seminars", widely applicable in school practice, even in the face of the well-known problems present in Brazilian education, in particular, the lack of resources and the excessive number of students in the same classroom. In this sense, it could be proved that the application of the "Socratic seminars" can decisively contribute in the Philosophy teaching process, in the extent that its practice maximizes the participation of the students, when creating a research community, offers occasions for critical reading texts, develops critical thinking, problem solving and speaking and listening skills, and, most importantly, teaches the respect for different ideas, people and practices.

**Keywords:** PIBID. Dialogic practices. Teaching. Learning. Philosophy.

## Resumen

Apoyado en la hipótesis de que una pedagogía interactiva, basada en la interacción verbal entre los estudiantes, podría facilitar el aprendizaje de la filosofía, el proyecto prácticas dialógicas para la enseñanza de filosofía, desarrollado en el ámbito de PIBID en filosofía del UFMA, se propone investigar y analizar las condiciones de posibilidad de una verdadera confrontación filosófica por el diálogo, con el objetivo de desarrollar un marco educativo y metodológico para la aplicación de las prácticas dialógicas en el proceso de enseñanza-aprendizaje de la filosofía en la escuela secundaria. Nuestra evaluación de la realización de este proyecto es que se ha logrado, con bastante éxito, los objetivos establecidos en su propuesta, tanto generales como específicos. Especialmente destacado el desarrollo de una herramienta didáctica-metodológica para la enseñanza de la filosofía, de nivel medio, que implica el diálogo argumentativo, "seminarios socráticos", de amplia aplicación en la práctica escolar ante los problemas conocidos en la educación brasileña, en particular, falta de recursos y un excesivo número de estudiantes en la misma aula. En este sentido, se pudo demostrar que la aplicación de los "seminarios socráticos" puede contribuir de manera decisiva en el proceso de enseñanza de la filosofía en la medida en que su práctica maximiza la participación de los estudiantes al crear una comunidad de investigación, proporcionar ocasiones para lecturas críticas de textos, desarrollar el pensamiento crítico, resolución de problemas y habilidades de hablar y escuchar, y, sobre todo, enseñar respeto por las diferentes ideas, personas y prácticas.

**Palabras clave:** PIBID. Prácticas dialógicas. Educación. Aprendizaje. Filosofía.

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar a relação entre filosofia e educação nos remete à própria tradição da filosofia enquanto atitude contemplativa e crítico-formadora da realidade ético – política. O diálogo produtivo entre ambas expressa na atualidade uma pluralidade de questões que envolvem não apenas a análise sobre a formação dos seres humanos em um contexto de sociedades complexas, mas também privilegia a formulação de questionamentos mais específicos sobre o processo de ensino aprendizagem, dentre eles aquele que contempla o ensino da filosofia em nível médio.

A história do ensino da filosofia no âmbito do Ensino Médio no Brasil nos revela que não é apenas suficiente exaltarmos sua importância na formação da educação básica, mediante a discriminação teórica de suas competências e habilidades, mas coloca, sobretudo, o compromisso de problematizar a desenvoltura do seu exercício, atentando-se para sua identidade, seus objetivos, seu fazer.

Nesse sentido, a proposta de uma discussão teórico-metodológica sobre o seu fazer se impõe pela necessidade de consolidarmos a importância do seu ensino ultrapassando as fronteiras de uma imposição de conteúdos pré-estabelecidos provenientes da História da Filosofia e ressignificando, pelo exercício do diálogo e pela *práxis* da conversação argumentativa, a construção de habilidades e competências para o ensino e aprendizagem do filosofar em nível médio.

A conquista de um ensino de filosofia eficiente devidamente comprometido com a ética, a autonomia intelectual e o posicionamento crítico depende, no entanto de diferentes variáveis, dentre as quais destaca-se, além da melhoria da graduação nas Instituições de Ensino Superior (definindo melhor o perfil do graduando e do graduado na licenciatura em filosofia) e da expansão da pós-graduação, o compromisso permanente com as discussões que envolvem o cotidiano do ensino de filosofia das escolas estimulando-nos a problematizar, discutir alternativas de conteúdo, propostas didático-metodológicas e ainda a pertinência do ensino da filosofia na instituição escolar.

No Maranhão, um dos estados pioneiros na implantação da filosofia como disciplina na rede pública de Ensino Fundamental e Médio, o cenário da realidade educacional no tocante a filosofia tem revelado, por um lado, avanços significativos e, por outro uma quietude silenciosa. Se em muitas situações constatamos a real

contribuição da filosofia auxiliando no desenvolvimento de habilidades que integram o aluno no universo da escola, da sociedade e do mundo como um ser biopsicossocial, noutras constatamos a reprodução de um processo ensino-aprendizagem doutrinário e enrijecido em paradigmas arcaicos, carentes de autonomia e emancipação crítica. O ensino da filosofia não pode restringir-se a uma exposição de conteúdos isolados, carentes de mediações crítico-reflexivas. Por isso, reivindicar e valorizar sua prática na formação da educação básica não se reduz à conquista político-educacional expressa por sua inserção obrigatória nos currículos, mas implica problematizar e propor alternativas teórico-metodológicas para o desenvolvimento do ensino da filosofia.

## **2 DIÁLOGO FILOSÓFICO E PRÁXIS EDUCATIVA**

Nas escolas filosóficas da Antiguidade, assim como entre os filósofos que foram professores (p.ex., Kant, Hegel, Nietzsche, etc.), o diálogo argumentativo, na forma de uma interpelação recíproca entre mestre e “discípulos”, foi, por excelência, o meio de transmissão de ideias: Sócrates e Epiteto, por exemplo, não escreveram nenhum livro e Platão, ao que parece, possuía uma doutrina oral diferente de sua obra escrita.

No que diz respeito à filosofia como disciplina escolar instituída, o diálogo argumentativo parece também possuir uma grande importância. Pelo menos é o que deixa entender as orientações estabelecidas pelos PCNs referentes ao ensino de Filosofia no Ensino Médio onde se afirma que a competência e habilidade de “debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição em face de argumentos mais consistentes” é uma espécie de “competência-síntese” de todas as competências previstas para serem desenvolvidas pelos alunos através das aulas de filosofia (BRASIL, 2000, p. 61).

Além disso, a representação comum do que seria ou deveria ser uma “boa” aula de filosofia presente no imaginário de professores e alunos inclui, quase sempre, a referência a uma aula onde há diálogo, debate ou discussão, envolvendo tanto o professor e os alunos, quanto os alunos entre si.

Entretanto, na prática, tudo se passa como se o diálogo argumentativo tivesse um papel secundário em Filosofia e em seu ensino. Na formação dos estudantes, e também na dos professores, aprende-se essencialmente a se fazer

dissertações e muito pouco a falar filosoficamente diante de um público ou a dialogar filosoficamente sobre uma questão. Um exemplo disso é a inexistência, nos currículos de Licenciatura em Filosofia, de disciplinas pedagógicas tratando especificamente sobre o diálogo argumentativo como mediador de práticas educativas. Da mesma forma, os manuais especializados são férteis em conselhos metodológicos aos professores e alunos no que diz respeito às atividades escritas (dissertação, comentário do texto, etc.), mas praticamente mudos em relação ao debate filosófico em sala. E o mesmo acontece no âmbito da pesquisa em didática da filosofia onde, contrariamente à prática escrita, são raros os trabalhos e artigos referentes ao ensino dialógico.

E, no entanto, parece haver um consenso entre os psicólogos sociais e pedagogos que a “interação”, notadamente a verbal, pode ser fonte de aprendizagem<sup>4</sup>. Estudos nessa área mostram que as crianças e os adolescentes são capazes de descobrir, discutindo entre eles sob a direção de um adulto, noções que nenhum deles dominava antes da interação e que se a interação é prolongada por atividades verbais de tomada de consciência e retorno reflexivo sobre as atividades mentais, em especial aquelas que permitiram alcançar o objetivo, a transferência das aquisições, isto é, a capacidade de descontextualizar e contextualizar necessária para estabelecer a aprendizagem, é reforçada. É bem verdade que nem toda interação verbal leva por si ao desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente, mas não há dúvidas de que ela pode contribuir. De modo que se a confrontação entre pares tem o poder de produzir conhecimento, o debate em classe, desde que organizado a este fim, isto é, desde que filosófico, se mostra como uma ferramenta pedagógica fundamental e proeminente sobre todas as outras para o ensino da filosofia.

Além disso, uma pedagogia do diálogo filosófico possui uma legitimidade ética e política fundada sobre a maneira pela qual o ensino filosófico cumpre especificamente as finalidades atribuídas à escola.

Uma interação escolar entre pessoas, quando situada num nível filosófico, é um elemento estruturante de socialização do indivíduo: a abertura à “comunidade de espíritos” implica, com efeito, a escuta, ou seja, o levar em conta a força de

---

<sup>4</sup>Nos apoiamos aqui especialmente no trabalho de Lev Vygotsky (1991) e Jean Piaget e Inhelder (1982).

convicção do discurso refletido do outro, a tolerância, a interação verbal regrada, a busca por fundamentos comuns, etc.

Mas o diálogo filosófico não possui apenas a função de regular racionalmente as relações humanas dos alunos e o professor e entre eles mesmos, ele também é produtor de humanização na medida em que cada aluno é levado a se posicionar, enquanto pessoa, em relação aos problemas existenciais, fundadores da interrogação humana.

Por fim, além da função socializante e humanizadora, o diálogo filosófico prepara o aluno para a cidadania. De fato, não existe regime democrático sem o direito de expressão e sem discussão pluralista e tampouco democracia sem argumentação. Na medida em que o diálogo filosófico exige que se convença racionalmente e não demagogicamente, ele aparece como um salvaguarda contra toda espécie de corporativismo, de integralismo, de fanatismo, de totalitarismo e de preconceitos.

Não se pretende contestar com isso que seja preciso ensinar nossos alunos a escrever, a construir textos filosóficos, mas nos parece claro, por outro lado, que a fala filosófica tampouco se improvisa e deve também ser aprendida. Nesse sentido, é preciso que aqueles que chamamos “mestres” saibam ensiná-la, e o que se nota é que não são apenas os alunos que são privados de uma formação filosófica do diálogo argumentativo, mas também os futuros professores que não são adequadamente instruídos na arte de ensinar a filosofar dialogicamente.

### **3 O PROJETO**

O projeto “Práticas Dialógicas para o Ensino da Filosofia” realizado no âmbito do PIBID em Filosofia da UFMA foi pensado com a intenção justamente de enfrentar essa questão. Entre os objetivos do projeto destacam-se:

- a) analisar e investigar a utilização do diálogo argumentativo como proposta didático – metodológica para o ensino de filosofia, nível médio, considerando a tradição filosófica sobre o tema;
- b) organizar um referencial didático-metodológico para o ensino de filosofia, nível médio, baseado no recurso e aplicação teórico-metodológica do diálogo argumentativo;

- c) desenvolver práticas de caráter dialógico para aplicação como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem da filosofia no Ensino Médio.

O projeto teve início no 1º semestre de 2014. As atividades desenvolvidas no projeto envolveram, em média, 30 alunos e três supervisores de duas escolas de São Luís: CEEFM Profa. Dayse Galvão de Sousa e o CEM Liceu Maranhense (LICEU). Nos primeiros meses, as atividades se concentraram na UFMA, em encontros com a presença dos bolsistas, supervisores e coordenadores. Essa primeira etapa se concentrou na pesquisa bibliográfica e na realização de oficinas de leitura e discussão para a análise e estudo dos referenciais teóricos selecionados.

Após a pesquisa bibliográfica e da realização de oficinas de leitura e discussão realizou-se vários laboratórios metodológicos com vistas ao desenvolvimento de dinâmicas didático metodológicas envolvendo o diálogo filosófico. Começamos por desenvolver um modelo de aplicação da ferramenta pedagógica denominada *Seminários Socráticos*. Esse modelo teve como base a literatura sobre práticas análogas encontradas na Suécia, EUA e Alemanha (Educação Popular Sueca e "Sokratiskasamtal", "The Paideia Seminar", "Great Books" e "Das Sokratische Gespräch" (Diálogos Socráticos)). Depois de comparar a literatura dessas fontes, reuniu-se os elementos que pareceram mais adequados aos nossos propósitos em um modelo para servir de referência didática para a sua aplicação.

Em seguida, aplicamos o modelo constituído entre os participantes do projeto buscando analisar e definir as condições de possibilidade de uma verdadeira confrontação reflexiva pelo diálogo em uma classe do Ensino Médio, como por exemplo: o tipo de situação favorável; as regras que devem ser estabelecidas e respeitadas e os critérios de "filosoficidade" das argumentações. Os resultados desses laboratórios metodológicos foram compilados em um manual sobre o seminário socrático que pode ser acessado no Blog do projeto (PIBID UFMA FILOSOFIA, [2014]).

Em termos gerais, o modelo de *seminário socrático* desenvolvido consiste em uma discussão escolar de uma ou mais questões onde as opiniões dos participantes são, segundo algumas poucas regras preestabelecidas, compartilhadas, provadas, refutadas e refinadas por meio do diálogo com outros

participantes visando obter uma compreensão mais profunda das leis, ideias, problemas, valores e/ou princípios apresentados em um ou mais textos.

#### **4 A APLICAÇÃO DOS “SEMINÁRIOS SOCRÁTICOS” E ALGUNS OBSTÁCULOS IDENTIFICADOS**

Após a realização dos Laboratórios Metodológicos e da construção do modelo de aplicação didática do diálogo filosófico para o ensino de filosofia que denominamos “Seminário Socrático”, tratou-se de aplicar essa ferramenta junto às escolas parceiras no contexto das aulas de filosofia ministradas pelos professores supervisores participantes do projeto.

A nossa proposta para aplicação dos seminários socráticos foi a de que os mesmos deveriam se inserir no contexto das aulas dos professores de forma complementar ao seu exercício habitual. De maneira geral, sua aplicação se deu ao término de cada etapa do programa adotado pelos professores e seguiu o roteiro estabelecido no manual sobre o seminário socrático desenvolvido nos laboratórios metodológicos realizados. Após a escolha de um texto de um filósofo representativo do conteúdo ministrado até então nas aulas dos professores, o mesmo era lido e estudado pelos alunos antes da realização do seminário socrático. No dia marcado para a realização do seminário, os alunos eram divididos em dois grupos e posicionados em dois círculos concêntricos. No círculo interior eram posicionados os alunos que iriam participar diretamente da atividade e no círculo exterior os que atuavam como observadores e conselheiros da atuação dos primeiros. Uma vez resolvida a organização da turma, o seminário tinha início a partir de uma série de questões formuladas pelos bolsistas do PIBID ao grupo de alunos do círculo interior. Em seguida, os alunos debatiam entre si, sem a intervenção direta dos bolsistas do PIBID ou do professor supervisor, visando a obtenção de uma hermenêutica do texto estudado inteiramente construída por eles. Uma vez que as questões colocadas eram consideradas suficientemente exploradas, os bolsistas do PIBID finalizavam o seminário e agradeciam aos alunos por sua participação e resumiam as principais ideias e conceitos examinados durante a discussão.

Apesar do relativo êxito, essas primeiras experiências dos seminários socráticos nas turmas das escolas participantes do projeto permitiram aos bolsistas, professores supervisores e coordenadores identificarem alguns obstáculos que

ainda precisam ser superados para uma efetiva aplicação didática de práticas de caráter dialógico ao estilo do nosso *seminário socrático* no ensino da filosofia. Entre esses obstáculos, destacamos a qualidade das questões formuladas, o número de alunos numa sala de aula e a definição de critérios de avaliação.

Em relação ao primeiro obstáculo, o grande diferencial dos seminários socráticos está na qualidade e na dinâmica das questões formuladas. Nesse sentido, “boas” questões demandam uma certa competência e habilidade de problematização e o que se notou é que tal competência e habilidade carece de uma maior atenção no próprio contexto da formação regular dos estudantes do curso de licenciatura da UFMA.

Quanto ao segundo obstáculo, o modelo desenvolvido prevê um máximo de 30 alunos participando efetivamente do seminário socrático. Entretanto, como a maioria das turmas dos professores supervisores possuem em média 40 alunos deparamo-nos com a situação onde parte da turma ficava excluída de participar efetivamente da atividade, o que dificultava bastante, não apenas a organização da atividade, como o próprio gerenciamento da turma do ponto de vista disciplinar e pedagógico.

No que diz respeito ao terceiro obstáculo, se a avaliação sobre o que se escreve já suscita em si diversas questões, a avaliação sobre o que se fala é ainda muito mais complexa e delicada. O problema central é sobre o que deve ser avaliado. O grau de participação espontânea em sala? Isso pode servir de indício do interesse no curso, mas será que serve como indício de um espírito filosófico? Talvez então a qualidade filosófica das intervenções orais? Mas quais são os critérios dessa qualidade notadamente filosófica? O que é que constitui a “filosoficidade” de uma intervenção argumentativa em sala? Como separar os critérios filosóficos dos não filosóficos? Não nos arriscamos a avaliar antes a personalidade do aluno do que o seu pensamento (ex. timidez)? A sermos influenciados nesse sentido por todas as informações não verbais que determinam psicologicamente e sócio politicamente o julgamento?

Do ponto de vista técnico, as questões também não são poucas: deve ser avaliado as intervenções individuais ou em grupo? Como valorar: analiticamente ou globalmente? Levando-se em conta o aspecto efêmero da oralidade cujo

desenvolvimento linear não pode ser recuperado enquanto cópia, deve-se utilizar gravações?

## 5 CONCLUSÃO E RESULTADOS ALCANÇADOS

Apesar de ainda não termos alcançado o êxito desejado no desenvolvimento de uma prática de caráter dialógico para aplicação como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem da filosofia no Ensino Médio, acreditamos que o modelo de seminários socráticos desenvolvido até aqui está no caminho para isso. Os obstáculos mencionados têm sido discutidos nas reuniões de planejamento envolvendo os participantes do projeto e soluções estão sendo construídas com o objetivo de superá-los, como, por exemplo, a criação de uma tipologia para orientar a formulação de questões e de uma lista de rubricas avaliativas para orientar a avaliação da participação dos alunos.

Entre os resultados já atingidos, previstos no projeto original, destacam-se:

- a) levantamento substancial de referencial teórico que tem orientado e servido como base para o planejamento e execução das atividades didático-metodológicas de caráter dialógico que são aplicadas nas escolas parceiras;
- b) contribuição efetiva na formação dos graduandos em filosofia envolvidos no projeto na medida em que mesmo propiciou a articulação entre a educação superior em Filosofia com a realidade do Ensino Médio da educação básica brasileira;
- c) desenvolvimento de uma ferramenta didático-metodológica para o ensino de filosofia, nível médio, envolvendo o diálogo argumentativo, os “seminários socráticos”, amplamente aplicável na prática escolar mesmo diante dos problemas reconhecidamente presentes na educação brasileira, em particular, a falta de recursos e o número excessivo de alunos em uma mesma sala de aula;
- d) orientação e produção de trabalhos para eventos acadêmicos. A maioria dos bolsistas que participam no projeto apresentou pelo menos um trabalho em evento acadêmico.

Por fim, pôde-se comprovar que a aplicação dos “seminários socráticos” pode contribuir decisivamente no processo ensino-aprendizagem da Filosofia na medida em que a sua prática maximiza a participação dos alunos, ao criar uma comunidade de investigação, oferece ocasiões para leituras críticas de textos, desenvolve o pensamento crítico, a resolução de problemas e as habilidades de fala e escuta, e, principalmente, ensina o respeito por diferentes ideias, pessoas e práticas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**: ciências humanas e suas tecnologias. Brasília, DF, 2006. v. 3.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio)**: ciências humanas e suas tecnologias. Brasília, DF, 2000. parte IV.

CERLETTI, A. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.

GADAMER, H.G. A incapacidade para o diálogo. In: \_\_\_\_\_. **Verdade e método**: complementos e índice. Tradução de E.P. Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de F.P. Meurer. Petrópolis: Vozes, 2005. parte I e III.

GOLDSCHMIDT, V. **Os diálogos de Platão**: estrutura e método dialético. Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PAVIANI, Jayme. **Filosofia e método em Platão**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2001.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. São Paulo: DIFEL, 1982.

PIBID UFMA Filosofia. **Manual seminários socráticos**: o diálogo filosófico aplicado ao ensino da filosofia. [2014]. Disponível em: <<https://pibidfilosofiaufma.wordpress.com/producoes>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

PLATÃO. **Diálogos**. Tradução Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2007. v. I, II, III, IV e V. (Clássicos Edipro).

STRONG, M. **The habit of thought**: from Socratic seminars to Socratic practice. Chapel Hill, NC: New View Publications, 1996.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.